

Arquivo, fabulação e remontagem na obra do Duo Paisagens Móveis¹

Eduardo QUEIROGA²

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

O texto analisa o livro “Três momentos de um rio”, do Duo Paisagens Móveis, observando como a articulação entre diferentes meios e linguagens, a apropriação de imagens de arquivo e diferentes intervenções gráficas e estéticas agem na conformação da obra. Aspectos como montagem, ambiguidade e narrativa são trazidos a partir de autores como Saidiya Hartman, Olga Tokarczuk e Georges Didi-Huberman.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; montagem; fotolivro; processos criativos; Paisagens Móveis.

CORPO DO TEXTO

A obra “Três momentos de um rio” inaugura a parceria entre as artistas Bárbara Lissa e Maria Vaz, que formam o Duo Paisagens Móveis, desde 2017. O trabalho se vale de diversos materiais e alcança diferentes linguagens e formatos, mas nos dedicaremos mais diretamente ao fotolivro homônimo lançado em 2021. Nos interessa, especialmente, perceber relações entre arquivo e fabulação, noções de montagem e articulação entre fotografia e outras linguagens, bem como a crítica ao modelo de desenvolvimento e progresso que formam a trama que sustenta esse trabalho.

A cidade de Belo Horizonte, desde sua fundação em finais do século XIX, é marcada pelos ideais de modernidade. Sua implantação como capital do governo estadual foi planejada sobre um pequeno povoado anteriormente chamado de Curral Del Rei. O traçado das ruas, das avenidas e de outros espaços públicos seguem padrões geométricos, desconsiderando antigas ocupações, distribuições espaciais ou mesmo a imposição de sua topografia acidentada. Ao longo de seu desenvolvimento e crescimento, a cidade se pautou por um modelo de progresso que se sobrepunha às características naturais como a presença de rios e riachos. Com o passar do tempo, a maior parte dos cursos d’água foram canalizados e hoje atravessam a cidade através de dutos subterrâneos. Poucos trechos de água podem ser percebidos no cenário da cidade: a maioria está sob ruas e avenidas, por baixo do asfalto e do cimento. Enchentes na

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Departamento de Fotografia e Cinema da Escola de Belas Artes da UFMG, e-mail: queirogaeduardo@ufmg.br.

última década demonstram a falência de um modelo que subjuga a importância do respeito à natureza e a impotência frente à força dos fenômenos naturais.

“Três momentos de um rio” se constrói como uma fabulação fotográfica e poética sobre o futuro de Belo Horizonte em decorrência da aposta no soterramento dos rios que cortam a cidade. O projeto alcança o leitor através de diferentes formatos, linguagens ou materialidades. O vídeo “O rio há de inundar todos os homens”, de 2018, por exemplo, é composto pela apropriação de uma série de filmagens de enchentes na cidade nos anos de 2017 e 2018. Em “Por onde escoo o azul”, de 2019, acompanhamos uma tomada aérea sequencial do percurso do Ribeirão Arrudas, no trecho que vai do centro da cidade – onde ele existe sob o asfalto – até a parte descoberta fora da cidade. Aqui dois detalhes são importantes: o vídeo é montado numa cronologia invertida e recebe intervenções em tom de azul que inicialmente se restringem ao curso da água – na parte do percurso cujo leito não foi coberto – e depois invade todo o quadro, remetendo à inundação da área central da cidade, onde o rio foi aprisionado. Essas duas videoartes fizeram parte de uma exposi o do Duo montada na cidade de Tiradentes em 2024. Esta mostra   um bom exemplo da amplitude do trabalho ao trazer para o espaço expositivo uma narrativa que se forma através de uma série de fotografias de arquivo, mapas e publica es, ativadas por interven es, sobreposi es e ocupa o dinâmica da galeria.   importante destacar essa multiplicidade de abordagens e camadas que o trabalho aciona.

Olhando mais diretamente para o livro, ele   formado por dois volumes. Um, que chamaremos de fotolivro, com dimensões de 21 x 15 cm – formato fechado – e 68 páginas. O segundo   um folhetim, impresso em papel jornal, nas dimensões de 29,5 x 21 cm – fechado –, com 8 páginas. No fotolivro temos apenas imagens, com exce o de um texto crítico escrito pelo pesquisador Carlos Falci e informa es técnicas de praxe, ambos no final da publica o, depois do conjunto de imagens, que   composto por frames dos vídeos “Por onde escoo o azul” e “Cidade submersa” – este último de autoria de Bárbara Lissa, 2020 – e apropria es do “acervo público de BH”. Em todo o trabalho predominam os tons da fotografia em preto e branco com interven es em azul, que sublinham a ocupa o pela  gua. No fotolivro, as fotografias seguem um sequenciamento livre, sem uma vincula o cronológica, mesclando imagens de diferentes fontes e épocas. Não há legendas ou outros recursos de ancoragem da leitura, mas algumas nos remetem a avenidas e espaços conhecidos da cidade e outras podem

ser reconhecidas como registros documentais das obras de canalização dos rios e ribeirões. Outras trazem sobreposições de recortes da imprensa ou de mapas e plantas urbanísticas. Além do uso do azul, que muitas vezes entra como um ruído, algo que destoa na forma da imagem original, textos e outras interferências aparecem com frequência, como no caso das colagens e repetições. Como aquela em que um quadro é formado pela repetição da fotografia de uma cena urbana – aparentemente antiga – acompanhada de dizeres como “O Brasil cresce!”, “Rumo ao futuro” e “Pelo asfalto!”. Há uma reiteração de um ideal de progresso que passa por explorar e subordinar a natureza aos domínios do homem moderno.

O “Folhetim”, que é parte integrante do livro e cumpre um papel fundamental na narrativa, emula um jornal noticioso, seja no tipo de impressão, seja no tratamento textual, ao menos em um primeiro momento, pois inclui também gêneros como poesia e um conto ficcional. Trata-se da edição de número 612, com data de 14 de março de 2025, em cuja capa ou primeira página podemos ver, além do cabeçalho, uma foto tomando dois terços do espaço, uma chamada com os dizeres “Belo Horizonte submersa” em letras garrafais e outra frase: “Três momentos de um rio na capital mineira”. Na fotografia, uma cena conhecida do centro da cidade, com o viaduto Santa Tereza em primeiro plano e edifícios icônicos de fundo – em preto e branco, parcialmente tomada pela coloração azul. O primeiro parágrafo do texto da página 2 traz o seguinte:

Após declarado estado de calamidade pública em Belo Horizonte, a capital mineira, nesta sexta-feira do dia 14, se encontra definitivamente e completamente debaixo d’água. As enchentes de março superaram os anos anteriores e os rios, praticamente invisíveis desde o início das canalizações, finalmente tomaram conta da cidade (PAISAGENS MÓVEIS, 2021, p. 2).

A continuação deste texto, que se confunde com uma matéria jornalística, informa mais detalhes do acontecido, afirmando que as águas desciam pelas avenidas, juntavam-se com as que saíam dos bueiros e se encontraram com o Ribeirão Arrudas, importante curso d’água na capital mineira, também contido e redesenhado por projetos de urbanização e desenvolvimento da cidade.

“Três momentos de um rio” incorpora, na sua conformação como obra, uma série de aspectos para refletirmos sobre a imagem fotográfica no seu potencial narrativo, dos quais destacamos alguns: apropriação de arquivo, fabulação, artifício da montagem,

intervenções visuais, articulação com elementos de diferentes fontes e linguagens – textos, grafismos, ruídos, mapas, ilustrações, entre outros – e incorporação do suporte e dos formatos na estrutura narrativa.

Saidiya Hartman nos coloca a impossibilidade de responder a certas perguntas ou da importância do cuidado ao tentar preencher as lacunas das histórias contadas, dos documentos arquivados (HARTMAN, 2020). Os arquivos cristalizam estruturas de violência e de silenciamentos. Na fábula tecida pelo Duo, somos remetidos a um futuro, cada vez mais próximo, mas isso é feito através, muitas vezes, de imagens do passado, de arquivo. Originalmente, essas fotografias foram produzidas por encomenda de órgãos públicos para documentar as obras de redefinição da paisagem urbana. Ou seja, essas imagens se integravam aos mesmos ideais que moveram as canalizações e apagamentos dos cursos d'água. Mas agora são acionadas em um discurso de oposição a esses ideais, agem na crítica que aponta para desejos opostos aos que moveram a produção original das fotografias. As mesmas imagens, hoje, nos remetem a falas e pensamentos completamente distintos daqueles que as motivaram. Nos dão a ver outras coisas.

Como acionar imagens de arquivo e não reiterar as mesmas ideologias que o construíram? “Se não é mais suficiente expor o escândalo, então como seria possível gerar um conjunto diferente de descrições a partir desse arquivo? Imaginar o que poderia ter sido?” (HARTMAN, 2020, p. 16). “Três momentos de um rio” não devolve exatamente um “o que poderia ter sido”, mas nos alerta para o que certamente será se nos mantivermos em um ideal de progresso baseado na exploração infinita de bens naturais e de pessoas, que respalda a destruição da natureza. Se, na fábula do Duo, Belo Horizonte será inundada em 2025, fomos, já em 2024, soterrados por imagens aterradoras de inundações no Rio Grande do Sul – e poderíamos citar muitas outras situações semelhantes em outras cidades brasileiras. Essa tragédia recente é modelada pela nefasta associação entre mudanças climáticas críticas, ocupação intensiva de territórios e falta de políticas de proteção do ambiente e da população. Não seria exagero afirmar que o fundo desses fatores estão relacionados a um projeto falido de desenvolvimento, movido pelo capital, muito semelhante àquele que quisera esconder os rios da capital mineira.

A possibilidade de deslocar uma fotografia de um contexto para inseri-la em outro é parte essencial daquilo que a caracteriza. O próprio ato de fotografar inaugura um duplo do fenômeno fotografado, ao mesmo tempo que provoca uma cisão entre o

fluxo original dos acontecimentos e o fluxo das narrativas. É possível promover uma costura que una novamente o acontecimento com a imagem resultante dele ou mantê-los independentes. Quando o Paisagens Móveis traz de volta imagens de arquivo, não o faz para sublinhar e reafirmar aquilo que motivou a produção de tais fotografias, mas, usando das mesmas imagens, para promover uma reflexão crítica que se opõe àquelas motivações. A ambiguidade inerente à fotografia permite esse movimento e exige estratégias conscientes de quem quer dela fazer uso como discurso. O Duo parece ter desenvoltura suficiente para isso, como transparece na pronúncia dos vários elementos que compõem o trabalho. Quando assumem o formato do Folhetim, quando jogam com a aparência de uma notícia, do relato de um acontecido, parecem fazer um deslocamento invertido, pois nos alertam para o futuro com uma voz no passado, a voz do jornalismo que relata fatos consumados: “Belo Horizonte submersa”.

A consciência aparece também ao não diminuir a imagem a um papel subalterno ao texto e outros elementos gráficos: eles não aparecem ali como redundância ou hierarquicamente superiores. Se a fotografia é ambígua e o texto pode redirecionar a leitura para campos muito distintos entre si, isso não deve ser visto como a solução de um problema ou um recurso imprescindível à construção do discurso. Trata-se de um jogo bem mais complexo e rico.

Não se “resolvem” os “problemas da imagem” pela escritura ou pela montagem. Escritura e montagem permitem, antes, oferecer às imagens uma legibilidade, o que supõe uma atitude duplamente dialética (na condição, certamente, de compreender com Benjamin que dialetizar não é sintetizar, nem regular, nem “resolver”): não cessar de arregalar nossos olhos de crianças diante da imagem (aceitar a provação, o não saber, o perigo da imagem, a falha da linguagem) e não cessar de construir, como adultos, a “conhecibilidade” da imagem (o que supõe o saber, o ponto de vista, o ato de escritura, a reflexão ética) (DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 70).

É sobre um risco dialético que nos fala Didi-Huberman. Remontar as imagens pressupõe a dúvida que se coloca entre elas, entre elas e os outros elementos. “Mostrando-nos que as coisas talvez não sejam o que elas são, que depende de nós vê-las diferentemente, e por essa abertura torná-las imaginariamente outras, depois, realmente outras” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 70).

No enredo construído pelo Duo, surge um sujeito que constrói um barco, como saída para esse futuro que se avizinha, para se salvar da inundação que se prenuncia.

Como uma alternativa que não busca se sobrepor à força do rio, mas navegar com ele, que acredita na existência de outras tramas possíveis. Buscamos, nesse nosso percurso, a aproximação com reflexões sobre as narrativas e narrações como constituição de multiplicidades, onde escritores, narradores e leitores agem na montagem e legibilidade das imagens. “A narrabilidade do mundo o abre imediatamente à probabilidade da existência de outras versões dele, o que por si mesmo já abarca uma semente revolucionária” (TOKARCZUK, 2023, p. 154).

De maneira discreta, “Três momentos de um rio” tensiona uma série de aspectos da linguagem fotográfica que passa, entre outros, pela sua ambiguidade: que se conforma na transposição de imagens feitas no âmbito da documentação institucional para uma narrativa que fabula ao mesmo tempo em que se emula como uma mensagem jornalística. No aproveitamento do meio, do suporte, como elemento expressivo, que transfere códigos e age na interpretação – atravessada pela dúvida – da obra. Intervenções de diversas ordens que colocam em contato diferentes épocas, intenções, linguagens, materialidades e estratégias para questionar um modelo de desenvolvimento que põe em risco a natureza, o mundo – e os seres humanos que são parte dela e dele, embora nem sempre se lembrem disso. Esse texto se faz em meio a um projeto mais amplo de pesquisa que se debruça sobre processos criativos e autoria na fotografia.

REFERÊNCIAS

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tomam posição**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017

_____. **Remontagens do tempo sofrido**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 12–33, 2020. DOI: 10.29146/eco-pos.v23i3.27640. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640. Acesso em: 22 jun. 2024.

PAISAGENS MÓVEIS. **Três momentos de um rio**. Belo Horizonte, MG: Ed. do Autor, 2021.

TOKARCZUK, Olga. **Escrever é muito perigoso: ensaios e conferências**. São Paulo: Todavia, 2023.